

ANÁLISE DE MERCADO
ESPECIAL **PERSPECTIVAS** 2017

 Energia - Geração





Questões como a continuidade da queda na demanda e os preços mais deprimidos no mercado livre culminaram em mais um ano desafiador para as geradoras.

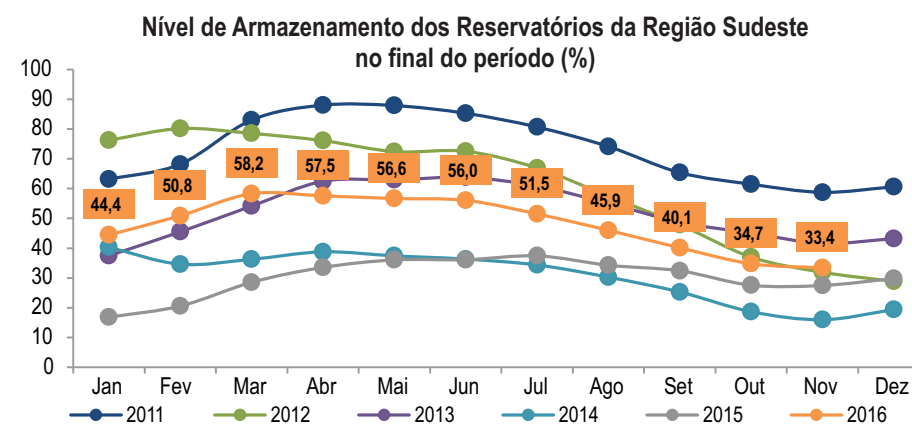
A incidência do fenômeno El Niño, em intensidade maior do que a recorrente, favoreceu o regime de chuvas nos primeiros meses do ano, propiciando uma recuperação importante na geração hídrica. Dados do Operador Nacional do Sistema – ONS mostram que no acumulado até novembro a produção hidrelétrica aumentou 6,9% ante o mesmo período de 2015, enquanto que a produção térmica (que é mais cara) caiu 30,3% no mesmo período.

Em contrapartida, a demanda continuou em desaceleração, sendo puxada principalmente pela queda na produção industrial e pelas temperaturas mais amenas. No acumulado até outubro o consumo total de energia recua 1,1% na comparação anual, isso partindo de uma queda de 2,1% registrada ao longo de 2015, segundo a Empresa de Pesquisa Energética – EPE.

Refletindo esse contexto, os preços caíram drasticamente ao longo do primeiro semestre. O preço no mercado de curto prazo, denominado Preço de Liquidação das Diferenças (PLD), da região sudeste ficou na média em R\$ 48,41 nos seis primeiros meses do ano, frente aos R\$ 385,64 registrados doze meses atrás, de acordo com a Câmara de Comercialização de Energia Elétrica, pressionando o preço dos novos contratos no mercado livre.

Contudo, na segunda metade do ano as condições climáticas voltaram a pressionar o volume de armazenamento dos principais reservatórios trazendo pequena melhora ao PLD, que na região sudeste saltou para R\$ 200,21 em outubro. Os reservatórios nessa região (que representam cerca de 70% da capacidade de armazenagem do país) encerraram novembro com o volume de

armazenamento em 33,4% pouco acima dos 27,5% registrados em novembro de 2015, como ilustrado no gráfico a seguir.



Fonte: Operador Nacional do Sistema

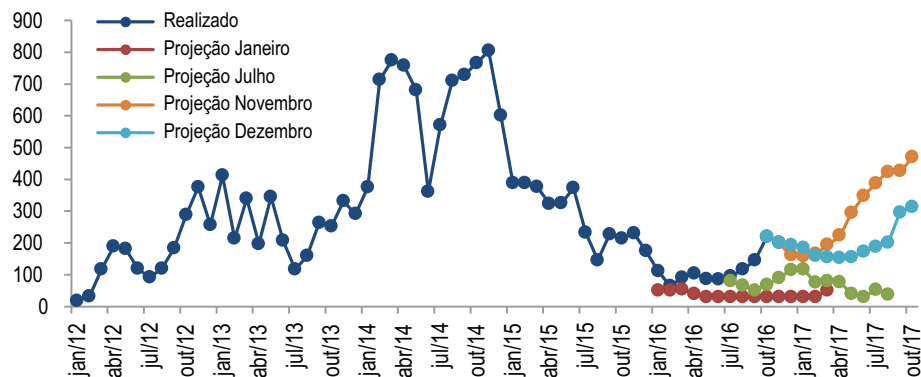
Além das preocupações quanto ao nível de armazenamento, há também a questão da demanda, que deve continuar impactando o desempenho das companhias ao longo de 2017. Na última reunião dos órgãos do setor (ONS, EPE e CCEE) a previsão para o crescimento da carga no próximo ano recuou de 2,4% para 2,2%, enquanto que na média entre 2016 e 2020 a previsão de 3,7% caiu para 3,0%, o que também acabou levando a revisão nas projeções de preço no mercado livre.

Entretanto, se a volatilidade nos preços foi intensa nos últimos anos, as projeções não são diferentes, pois por um lado a demanda vem pressionando os preços para baixo, mas por outro há o baixo armazenamento e a revisão prevista na fórmula de cálculo do PLD, a partir de maio, que vai adicionar um componente de aversão ao risco no modelo, puxando os preços para cima.



O gráfico a seguir mostra as diferentes projeções para o PLD divulgadas ao longo do ano, ilustrando bem esse cenário de elevada incerteza e bastante volatilidade.

Histórico e Projeções para o preço de energia no mercado de curto prazo (PLD)



Fonte: Câmara de Comercialização de Energia Elétrica.

Frente a tantas incertezas no que tange aos preços e a perspectiva ainda não muito animadora para o consumo, pode-se esperar mais um ano complicado para as geradoras, onde as companhias que possuem a maior parte de sua energia já contratada e que aderiram a proposta de repactuação do risco hídrico devem apresentar mais resiliência.

Por falar na proposta de repactuação do risco hídrico, que é uma espécie de seguro contra o déficit na geração, espera-se que o tema volte à tona logo no início de 2017, pois se a proposta para o mercado regulado se mostrou bem sucedida e trouxe alívio importante para algumas empresas nesse ano, por outro, as geradoras expostas ao mercado livre continuam sofrendo com o déficit na geração.

A Agência Nacional de Energia Elétrica vem buscando alguma solução para mitigar esse risco e destravar o pagamento de parcela de energia comprada no mercado de curto prazo protegida por liminares judiciais. A ideia é que para aderir à nova proposta, as companhias tenham que desistir de tais liminares (como ocorreu no mercado regulado), zerando a conta de cerca de R\$ 1,5 bilhão pendente no mercado de curto prazo.

Essa maior predisposição da ANEEL em conversar com os agentes do setor e buscar formas de reduzir os riscos, a judicialização e a ingerência política é um dos contrapontos positivos na perspectiva para 2017.

Olhando mais no longo prazo há outros pontos que também perfazem boas perspectivas, tais como a necessidade de alto volume de investimento para expansão e segurança do sistema. Segundo o último Plano Decenal de Energia, ciclo 2015 a 2024, a necessidade de investimento nesse período é da ordem de R\$ 268,5 bilhões, abrindo um espaço importante para expansão das companhias, que também devem ficar atentas ao crescimento das fontes renováveis, como eólica e solar, que devem continuar ganhando espaço na matriz elétrica brasileira.

Em síntese, a maior segurança regulatória e a elevada necessidade de expansão na capacidade de geração do país corroboram perspectivas mais promissoras no médio/ longo prazo. Mas, em 2017 ainda há incertezas e diversos desafios que podem inviabilizar uma recuperação mais contundente no resultado operacional e financeiro das companhias. Portanto, seletividade continua sendo a palavra de ordem no segmento de geração.